

Agricultura derruba PIB

» VERA BATISTA

» RENATO SOUZA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O Brasil é um país agrícola por vocação, mas nem a agricultura salva a economia brasileira. Pelo contrário, foi o setor que registrou o maior recuo no terceiro trimestre do ano. Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a agropecuária, responsável por segurar retrações maiores do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015, teve a maior queda, de 1,4%, no período avaliado e puxou a economia do Brasil para baixo. Em comparação ao terceiro trimestre do ano passado, a agricultura despencou 6%.

O economista Márcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da **Unicamp**, destacou que a agropecuária é uma área

com histórico de força no PIB. “Mas vem enfraquecendo por vários fatores. Ela depende do consumo interno e externo, de taxas de crédito e produtos de câmbio, como o agrotóxico”, afirmou. Para o economista Agostinho Pascalicchio, da Universidade Mackenzie, a queda foi maior do que o esperado. “O recuo nesta proporção surpreendeu. Há redução na taxa de investimento, isso significa que os empresários da agricultura estão menos otimistas e a recuperação vai demorar mais”, disse.

A indústria brasileira levou um tombo de 5,4%, nos últimos 12 meses, segundo o IBGE. O setor teve resultado negativo em todas as comparações. O PIB industrial caiu 1,3% no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre do ano e despencou 2,9% na comparação anual. Para André Rebelo, da Federação das Indústrias do

Estado de São Paulo (Fiesp), o movimento de retomada previsto para o segundo semestre não veio. “Essa quebra de expectativa vai comprometer os resultados do PIB industrial para 2017. A confiança aumentou, mas, sozinha, não tem o poder de incentivar os investimentos”, explicou Rebelo.

José Carlos Martins, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBIC), disse que as expectativas pós-impeachment de incentivo aos investimentos não se concretizaram. “Ninguém vai investir com juros a 14% ao ano. Se a Selic não baixar a 11%, no mínimo, a situação não mudará”, reforçou. “Não saímos do fundo do poço. Crescimento só a partir do segundo trimestre de 2017 se o governo equacionar as contas públicas”, assinou Eduardo Velho, economista-chefe da INVX Global.